

Memórias do Brasil
Transcrição
Zé Celso

Intro

Inserts: Zé Celso tocando piano.

ZÉ CELSO: "Hoje vou fugir com o vento, vou até o firmamento, vou ver a terra brilhar, a brilha. Vou abrir bem os meus braços e dançar por esse espaço. A ventar, a ventar.

(V.O) ZÉ CELSO: Eu acho que o caminho da arte é uma entrega corporal, total, animal, anima, anima, entrega anima, entrega o animal, entrega o vegetal, o mineral dos ossos, entrega tudo. Entrega tua vida e cria.

Zé Celso tocando piano,

(PM) ZÉ CELSO: Lá onde o vento deve morar, a tarde então...

(V.O) ZÉ CELSO: Porque o artista tem que falar com todo mundo.

(PM) ZÉ CELSO: Eu gostaria de fazer Teatro com tudo misturado, polícia, soldado, burguesia, morador de rua pobre, rico. Porque Teatro é para todos.

Vinheta abertura

BLOCO 01

(V.O) ZÉ CELSO: Eu hoje vou seguir com o vento, vou até o firmamento, vou a terra brilhar, a brilhar,

(PM) ZÉ CELSO: Vou abrir os meus braços, me lançar por esses espaços, a ventar, a ventar.

(PA) WELLINTON ANDRADE: O Teatro de Zé Celso, representa uma modernidade contínua, ele faz parte de uma geração que modernizou o Teatro, a partir do final dos anos 50, e ele imprimiu uma marca assim de um vigor, de uma renovação constante da estética, da cena, da estética da dramaturgia e da "politicidade" sensível. É uma coisa muito especial o que Zé Celso faz no Brasil, de transformar a discussão política, em discussão estética, fazer essa junção, acho que é um dos raros artistas que fazem isso no Brasil.

(PM) CAMILA MOTA: A importância dele para o Teatro Brasileiro, é de colocar o Teatro em um lugar, ensinar o Teatro Brasileiro...

Imagens do espetáculo "Pra dar um fim no juízo de Deus - Teatro Oficina, 2015"

(V.O) CAMILA MOTA: Em um lugar de rito, um lugar onde o público e os atores, seja em que peça for, eles entram naquele espetáculo juntos para passar por um rito e que aquilo vai em algum momento fazer parte do corpo da pessoa que atuou e que assistiu.

Cena do espetáculo "Para dar um fim no juízo de Deus - Teatro Oficina, 2015"

(PM) RENATO BOTCHI: Ele não fecha conceitos que ficam clássicos na cabeça dele. É difícil isso porque tem diretores por exemplo que tem uma escola, o Antunes tem um jeito de fazer, as coisas, belíssimo, eu sou fã do Antunes, acho legal, o Antunes tinha um jeito, o Abujamra tinha uma escola, Jane Harto, o Zé Celso ele não se conforma, ele o padrão tá conquistado mil passos adiante. Então ele tem uma coisa muito bonita, que é o fato e estar em permanente revolução.

(PM) JOSÉ VINSK: E o Zé está aqui atuando, trabalhando aqui não sei quantos grupos teatrais, quantos agentes, atores, atuantes.

Fotos de arquivo

(V.O) JOSÉ VINSK: O Brasil no mundo, atravessaram esses tempos sendo fiel a si mesmo, ao mesmo tempo respondendo, as diferentes situações. Então ele atravessou esses tempos, atravessou os personagens e a cena pública e íntima do Brasil, com ele e com esse coletivo em permanente muração. E atravessou eu acho que, com isso atravessou os mistérios, gozosos da vida e da morte. Então quem é assim, é tudo isso.

Cena do espetáculo "Bacantes - Teatro Oficina, 2017"

Zé Celso canta - Comida e Bebida
Só duas coisas têm valor na vida
Comida e bebida
Comida e bebida
Comida é terra
Deusa terra
Dê-me terra
Tua velha conhecida
Que você chama
Pelo nome que te apraz
Pois com comida sólida
Ela dá de mamar

Ela dá de mamar
Ela dá de mamar
Pros mortais

(PA) ZÉ CELSO: A família do meu avô era muito rica!

Fotos de arquivo

(V.O) ZÉ CELSO: Lindos, mas eram completamente desmudados. Meu pai saiu de lá e foi para a cidade e virou um homem urbano. Com interesse urbano em cinema, teatro, ensino, tudo. E aí nós nascemos nesse lugar. E nesse lugar ele foi pra casa, foi aumentando conforme iam chegando os filhos e as filhas. Entendeu? Era uma casa construída com um jardim que a minha mãe sempre cuidou.

(PM) ZÉ CELSO: Lindo! Com pé de maracas, cheiroso.

(PM) LALA MARTINEZ: Nossa infância foi muito alegre, muito viva. Tinha um quintal muito grande em casa e a gente brincava mais no quintal. Minha mãe preferia que a gente ficasse no quintal porque assim ela podia olhar mais, porque ela vigiava bem.

(PM) ZÉ CELSO: Eu brigava muito com a Lala, não sei porque eu tinha um prazer em provocar ela. Porque ela era muito rebelde, aliás ela inspirou o personagem de O Rei da Vela e os onze divãs.

"Cena do espetáculo O Rei da Vela - Filme de Zé Celso e Noilton Nunes, 1967"

(PM) ZÉ CELSO: Tanto que um dia ela me jogou uma machadinha, mas foi uma coisa total, a Lala também é total, é uma bruxa total.

(PM) LALA MARTINEZ: Mais a gente ficava, sempre juntos, sempre protetor. Mas se você fosse no cinema, tinha aquelas sessões, a mãe deixava ver um filme. Mas a sessão tinham dois filmes, ele falou: "Lala vamos ver os dois? Chegar em casa a gente apanha da mãe mas já viu."

(PA) ZÉ CELSO: O meu pai quando fazia projeção de filmes, alugava filmes, e passava sempre os nossos. Então nós éramos os atores ali permanentes, sempre tinha muita gente assistindo. O quintal da minha casa era muito grande, aliás mesmo o quintal da minha casa onde eu gostava muito de brincar, de terra. Eu tive aquela coisa de fazer túnel, brincar de barro, exatamente, com coelhinho do lado.

(V.O) ZÉ CELSO: Era um pomar, mangueira, jabuticaba.

(PM) ZÉ CELSO: Romã, essas coisas. Era um quintal muito grande, e uma casa que, era uma casa que era cercada pela zona, isso é muito importante, na Rua 7, tinham as putas que morava, as putas que já tinham marido, e já tinham casado. Quer dizer, a maioria era uma putaria.

(PM) LALA MARTINEZ: E ele sempre falava assim, olha eu posso não deixar nada para vocês, mas eu faço questão que vocês estudem, porque o conhecimento ninguém tira, ninguém rouba. Então vocês podem fazer o que vocês quiserem. E o Zé resolveu fazer advocacia, ele falava "Bom, eu acho que você não vai exercer, mais em todo o caso você quer fazer, você faz." Tanto que ele foi e fez. Quando ele acabou ele passou para o Teatro.

Cenas do ensaio da peça "Bacantes - Teatro Oficina, 2017"

ZÉ CELSO: Vocês têm que olhar para ela, o foco é ela, volta! Todas as coisas têm um foco, se não tem foco não é a todos. Bobeira, tem que saber para onde você vai. O ator tem um duplo e esse duplo tem um roteiro. O que é que eu vou fazer agora? Eu vou fazer o enterro da pessoa que eu mais amo no mundo. Então ela tá ali. Eu vou na direção dela, faço tudo em direção dela, vem uma dor, é uma dor que ela que me provoca, ela que provoca essa dor. Se não tem ligação para ser médico, não é mais nada.

(PM) JOSÉ VINKS: A relação do Zé Celso com o Teatro, não é apenas a do Teatro que se faz aqui, entre o que seriam em quatro paredes. Primeiro porque e nem a quarta parede.

"Cena da peça Bacantes - Teatro Oficina, 2017"

(V.O) JOSÉ VINKS: Porque já um Teatro que é de atravessar e de vir da rua e atravessar isso aqui e aberto para cima e para os lados. Mas isso também porque esse Teatro tem que ter essa porosidade de como a cidade e como a vida pública. Para Zé Celso a vida pública é um teatro e se for um Teatro, ela é um Teatro, embora se finja, se encene como não sendo, como sendo a realidade, se é o Teatro então que seja de melhor qualidade. Então ele contra a cena com esse Teatro.

(V.O) WELLINTON ANDRADE: O Teatro do Zé não é normativo! Então o corpo sempre... o ator "transgride" o seu próprio corpo, "transgride" o corpo do outro e "transgride" muitas vezes o corpo da plateia. Muitas vezes a pessoa é convidada a estar ali é o que pode causar... Muita gente reage chamando de Teatro do obsceno, existiria uma obscenidade. O que existe na verdade, eu acho que essa ideia é acabar com normatividade, e isso eu acho fundamental e o Teatro não faz

isso, o Teatro é muito pudico no trato do corpo. O corpo tá de certa maneira controlado, ele faz parte de um regime de percepção capitalista, que existe pelo controle. E aí quando você vai ver o Zé Celso, você precisa se despir dessas amarras todas e dessas pertencas arestas, porque aí você vai entrar em contato com uma sexualidade que é dionisiaca.

(PA) WELLINTON ANDRADE: Essa é a maior das transgressões, o capitalismo colonizou o nosso corpo, a gente lida com o corpo totalmente controlado e o Zé descontrola, desregula, e nunca é pela base da pornografia como alguém sempre imputa ele é sempre pela base do erotismo. E assim é pulsão direto. E aí ele sempre diz isso, estudou com Eros e é à esquerda.

(PM) CAMILA MOTA: É que o teatro, ele é uma arte que...

(V.O) CAMILA MOTA: Exige de quem pratica, no caso, do que a gente faz aqui, uma ligação muito forte com o aqui, agora. Esses improvisos que acontecem, que faz com que a gente deixe acontecer em uma peça, é porque a gente tá com uma ligação aqui agora, que tá sacando o espaço. Esse tipo de presença é a preciosidade do trabalho Zé, você tem essa "sacação". A partir daí o que você faz com essa "sacação", como cada ator atua, seja com o personagem, com cavalo ali. Sendo cavalo para o personagem daquele momento, daquela peça. Cada peça, ela é vivida pela companhia, ou para uma parte da companhia, ou é um desejo coletivo daquele momento, para interpreta a vida a partir daquela peça.

Cenas do espetáculo "Pra dar um fim no juízo de Deus - Teatro Oficina, 2015"

(PM) MARCELO DRUMMI Pra mim o trabalho de Zé é uma coisa tão normal, pra mim, se eu não sei o Zé Celso, é o Zé. O Zé com que eu moro a 30 anos, e eu trabalho e já vi ele passar por várias dificuldades, inclusive de conseguir trabalhar e inclusive de ter inspiração. Já vi ele "des-inspirado". Já vi ele gente, já vi ele na pior, na melhor, já vi ele alegre, eufórico, já vi ele deprimido.

Imagens de arquivo

(V.O) ZÉ CELSO: Eu me minha juventude, o começo da minha juventude...

(PM) ZÉ CELSO: Eu passei em Araraquara, mas eu vinha todos os anos na época do Natal, em São Paulo, na casa do meu avô que era em frente do Teatro. Depois quando fizeram o minhocão, foi desapropriada e depois eu vim fazer direito, então com 17 anos eu sai de Araraquara e comecei a morar em São Paulo.

(PA) ZÉ CELSO: Apesar de eu ter querido ser Arquiteto, quando pela primeira vez vi a revista Casas e Jardins uma foto da casa ali da Lina Bo Bardi de vidro, sozinha, no meio do Morumbi sozinha, cercada de verde.

(V.O) ZÉ CELSO: E depois vi Pampulha, do Niemeyer, eu fiquei apaixonado aí eu queria ser Arquiteto. Antes eu queria ser Geólogo.

(PM) ZÉ CELSO: Na juventude a gente vai flanando, é bom isso. A gente não sabe o que é, mas eu sempre adorei cinema, todo dia no cinema, adorava ler. Naturalmente adorava Teatro, Teatro eu não conseguia ler, porque eu ia ler as traduções de Shakespeare, eram péssimas, eu não entendia nada. Mais em fim, eu ia ver a Cacilda Becker, sobretudo a Cacilda Becker.

Fotos de arquivo

(PM) ZÉ CELSO: A que me plugou assim na atuação, tipo, a atuação realmente incorporada e elétrica, uma coisa que ela diferia de todas as outras pessoas em cena. Logo depois fui ver Maria Della Costa, a mulher mais linda que já ouvi em cena. Ela tinha o rosto enorme, então era muito bem iluminada, pelo Ziembski pelo Johnny Rato. Então o rosto dela, era uma coisa incrível de beleza de palco.

Cenas do espetáculo "Bacantes - Teatro Oficina, 2017"

Cá no teu feto, vamos todos, mandar nossos desejos secretos, desta jornada, desta noite.

(PM) ZÉ CELSO: Achava o Teatro mesmo especial, onde tivesse Teatro, onde se reunisse gente. Aquele lugar para mim passou a ser sagrado. E só entrei em cena no dia 2 de novembro, se não em engano de 1970. Em que estava-se fazendo uma cena do Galileu Galilei, e uma menina que eu amava muito chamada Silvinha Werneck, uma louca muito maravilhosa, me puxou e eu entrei na cena que nós não podíamos fazer que era o Carnaval do Corvo. Que é uma cena que eu peguei todo o pessoal de roda viva que apanhou, que foi proibido, e trouxe o que era gente genial e trouxe para o Galileu.

Imagens de arquivo, Brasil, 1964.

(V.O) ZÉ CELSO: Ai veio o golpe, no golpe começamos fazendo os "Pequenos burgueses" que era um sucesso. Fizemos mais de 1000 vezes, pelo Brasil e pela América Latina. Nessa peça nós queríamos nos suicidar!

(PM) ZÉ CELSO: Enquanto caretas, pequenos burgueses, para a gente renascer revolucionário. Qualquer revolução, a gente tava possuído pelo um espírito insurrecional. A gente tava na mesa e aí chegou uma Lilian Lapselle, as ruas estão todas ocupadas, estão cheios de tanques e foi uma surpresa, não foi como agora, que a gente sabe do golpe, a gente não sabia do golpe, a gente foi pego de surpresa, foi pego de calça na mão, foi uma loucura isso. E aí, nessa noite a gente ainda fez Pequenos Burgueses e não veio ninguém, mas nós tiramos a internacional do fundo já, porque sabíamos que o problema estava ali, na internacional. E aí a gente fugiu.

Fotos de arquivo

(PM) LALA MARTINEZ: Quando eu cheguei em casa já tinham levado o Zé. Primeiro levaram o Zé e depois foi eu.

Fotos de arquivo

(PM) ZÉ CELSO: Você acorda e tem uma grade na frente, é foda. E depois eu fiquei na solitária. Primeiro foi na solitária, porque foi o seguinte, me botaram no subterrâneo para ser torturado e era uma coisa muito importante isso, era totalmente secreto. Então por exemplo, nós entramos, eu e o Celso Lucas, que era o fotógrafo e foi comigo depois para Moçambique. Entramos encapuçados, e outro, o fotógrafo do Rei da Vela, eu tava montando o Bouquet, Jorge Bouquet um francês, quer dizer, franco brasileiro, com capuz. Então você não sabe onde você tá. Aí botam cada um em uma cela, tipo Saddam Hussein e você tá totalmente amurado e sem comunicação, nada com o mundo e você tá ali. Eu ficava dizendo "Os Pequenos Burgueses" decor. Eu ficava dizendo Galileu Galilei decor. Tudo o que eu sabia decor eu ficava fazendo, porque se não aguentava, porque a luz permanece acesa o tempo todo. Aí você cai de sono e você fica ouvindo chicotadas.

Fotos de arquivo

(V.O) ZÉ CELSO: É um terror é um inferno.

(PM): LALA MARTINEZ: Minha irmã a mais velha Maria Helena, ela tinha um amigo que era juiz do supremo tribunal que ele não era militar, ele que ajudou. Então ele foi lá e conseguiu me tirar. Ai falaram assim: "Olha, não foi eu quem te prendi, não tenho nada com isso e se falar alguma coisa morre!" Na mesma noite eu já tava falando com o advogado: "Olha o Zé tá lá, precisa tirar ele de lá! "

(PM) ZÉ CELSO: E o pessoal todo da oficina fugiu por vários lados e se reencontrou na revolução portuguesa.

(V.O) ZÉ CELSO: Foi uma maravilha, porque eu cheguei lá exatamente no dia que caiu o general Spínola, que era o cara que usava o manual, era bem "reaça". E foi baixando, conforme foi acontecendo a revolução, nós ocupamos uma casa que era na Pince onde se torturava, uma casa linda de três andares, jardim e tudo. E fizemos uma comunidade Oficina Samba, com gente do mundo inteiro, tinha Moçambicano, Angolano, Americano, Inglês, Irlandês, porque o mundo inteiro de 68 foi pra lá.

(PM) RENATO BORCHI: Nessa altura a gente jogou fora "Pena que ela seja uma puta" e vamos fazer "Andorra" porque é uma peça sobre bode espiatório. Entendeu? É uma peça sobre o intriguismo, sobre dedo duro, enfim, tinha tudo haver com aquele momento que as pessoas tavam fugindo, tava dedadas, sendo presa e etc. Fizemos "Andorra", e essa peça nos introduziu vamos dizer dentro de uma linguagem que já foi uma transformação.

Fotos de arquivo.

(PM) ZÉ CELSO: We trust in dollar, we trust. Essa é a grande religião, dessa tribo do pensamento único. É o dinheiro, é o dollar, é a vida impressa em dollar. Essa vida impressa em dollar, então ela quer asfixiar a gente. Mas a gente tem que tirar de letra, a função do artista, não é colher o inconciente de todo mundo, porque que tá incomodando todo mundo? Ele tá incomodando a minha também. Eu preciso tirar isso, sai disso. Sai porcaria, porque é uma coisa abstrata. Por que o artista ver que é tudo uma encenação, o estado é uma encenação, nasce de uma cultura, que é cultura positivista, a cultura da bíblia, do boi da bala, a cultura de um deus só, um pensamento só único. Todos unidos fenceremos a humanidade, esse sonho andorid, humanidade viva.

Imagens do filme "O Rei da Vela"

Nada disso me impressiona, não impressiona mais o público. Descobri, incentivei a regressão. A volta a vela, sobe o signo, do Captão, Americano.

(PM) ZÉ CELSO: De repente, o Luiz Carlos Marciel, me manda "O Rei da Vela", que foi descoberto pelo Jerry Jacob que leu tudo do Teatro Brasileiro, e de repente ficou a besta com as peças do Oswald e mandou para mim. Eu li e não gostei, acheio demagógica.

Foto de arquivo

(V.O) ZÉ CELSO: Mais o Renato Borghi, no apartamento no Leblon, da Jamanta Lamarre ele leu.

(PM) RENATO BORCHI: Ai eu peguei na minha estante aquele livrinho, com um amarelado, comido de traça, e eu comecei a ler e era "O Rei da Vela". Ai eu fui ficando abismado com o texto né? Porque ele falava, o que seria impossível falar no Brasil e além do mais, ele tinha sido escrito em 37. Eu falei "E uma cilada para a censura, porque eles não podem fazer nada com relação a isso."

Imagens do filme "O Rei da Vela"

Herdo um tostão, em cada morto nacional.

(PM) ZÉ CELSO: E a memória é uma coisa que você, aciona, você agênciia a memória. E a memória vem, ainda mais vendo aquelas fotos, com o trabalho que vocês fazendo, vocês estão ativando, inclusive a minha memória familiar, minha memória teatral e inclusive a minha memória como a memória da espécie.

Vinheta de passagem de bloco

BLOCO 2

Vinheta

Inserts com fotos de arquivo, ao fundo 3 sinais

Ensaio da peça "Bacantes - Teatro Oficina 2017" sob a orientação de Zé Celso.

(PM) RODERICK HIMEROS: O Zé é um cara que come demais, ele comeu muita gente já. Ele comeu muitos tempos, histórias, muita música, muita arte. Então no corpo dele tá contido toda essa sabedoria, de gerações trabalhando juntas, ele é um corifeu de muitas gerações do Teatro e ao mesmo tempo ele continua devorando as gerações que estão chegando, porque o apetite não cessa. O Zé também ele se deixa ser devorado.

Fotos de arquivo

(V.O) RODERICK HIMEROS: Ele adora ser devorado, ele precisa também ser devorado, por cada um do Teatro, ele faz parte de mim, ele tá dentro de mim também.

(PM) RODERICK HIMEROS: Na substância da minha carne tá contida ele, e essa pessoa na verdade é o Teatro.

(PM) JOSÉ VINSK: Ele é de Áries, então é sempre, já mete a cara, ele acha que você já pode sair fazendo, não precisa

qua se ensaiar. Não precisa ensaiar, ele quer que você adivinhe tudo o que já vai acontecer que já é para tocar, então tem uma espécie de prontidão assim permanente, sempre achando que você é capaz, que é para ser aquilo.

(PM) CAMILA MOTA: Ele é muito palhaço de jogar assim, ele quer isso muito assim, é sempre um limite. Porque tem a encenação, tem roteiro, tem de onde a gente sai para onde a gente vai e o que se mistura no meio do caminho assim. Mas, tem sempre essa coisa que anda junto, esse espaço para uma fissura e tem um improviso, uma coisa dessa e como isso entra na coisa e faz ela andar, e não para tudo. Sabé? Nesse sentido de ser totalmente aberto assim que vai para qualquer lugar.

Zé Celso ensaiando com outras pessoas

(PA) WELLINTON ANDRADE: Então, atualmente assim no panorama teatral brasileiro mundial, ele lidam com um padrão chamado coralidade, é a ideia do grupo, do agrupamento, da confraria, da sociedade digamos assim, é unida por um bem comum que é o do Teatro.

Fotos de arquivo

(V.O) WELLINTON ANDRADE: E é curioso porque ele é um líder. Digamos que ele é ali o comandante em chefe e ao mesmo tempo ele também faz parte da mesma coralidade. Ele se coloca em cena, conversa com os atores, até a questão financeira, muitas vezes ele acaba dividindo tudo...

(PA) WELLINTON ANDRADE: Irmamente com todos os atores, isso é assim, especial dele.

Cenas do espetáculo Mistérios Gozósos, Teatro Oficina, 2016

(PM) ZÉ CELSO: Por isso que chama "Teatro Oficina", e eu tendo a pôr um "R" no meio do Teato, é mais teato do que teatro. Por que é o seguinte, é rito, e rito é uma coisa que é para atingir. Quer dizer, seja que rito for, ninguém sai de um rito se é que se envolve em um rito sem aquilo pegar.

(PM) MARCELO DRUMMOND: Cheguei o Teatro estava em obra, ele não tinha teto, estava levantando os primeiros pilares.

(PA) MARCELO DRUMMOND: Não tinha arquibancada, não tinha nada daquilo, não tinha nada.

(V.O) MARCELO DRUMMOND: O Teatro era um buracão, um terreno comprido, e aqui tem um teto móvel que mexe. E a gente quis fazer esse teto móvel de qualquer maneira, eu tenho horror

a Teatro a Teatro de shopping. Eu acho que Teatro tem que ter o céu dele.

Cenas do espetáculo "Bacantes - Teatro Oficina, 2017"

(PM) MARCELO DRUMMOND: Essa mistura toda que é o interessante, é isso que é bom. É isso que é legal, é o que mistura tudo, é isso que torna a oficina muito contemporânea. Contemporânea quer dizer, não é só de agora, ele é contemporâneo sempre, que é uma característica que o teatro tem que ter, por que o teatro está sendo feito, então o teatro é contemporâneo. O teatro tem que ser contemporâneo, mesmo com texto de dois mil e trezentos anos atrás

(PM) RENATO BORCHI: Eu acho que ele teve um momento difícil, bem difícil que ele enfrentou bravamente, ele ficou aqui dentro desse teatro, fazendo experiências radicais fechadas. O Carnaval do Galileu ele fez várias vezes, o Carnaval do Galileu e várias experiências que iam dar mais tarde em outros espetáculos futuros, eu com um a turma aqui com ele, uma coisa bem difícil, começaram a chamar ele de decanior do ócio, porque ele não apresentava trabalho nenhum, só ficava aqui dentro fechado.

Imagens de arquivo, Programa Roda Viva - TV cultura, 1988
Zé Celso explica a importância do ócio no trabalho.

(PM) MARCELO DRUMMOND: E era um decanio do ócio que trabalha pra caramba, quem dera, o Zé vive falando em ócio e ele trabalha pra caramba. A gente trabalha pra cacete, pra falar de ócio. Só que a gente trabalha feliz.

Imagens do espetáculo "Hamlet - Teatro Oficina, 2009"

Nosso último rei, Hamlet, esse que a imagem agora acaba de aparecer Ditirambo. Foi desafiado por inveja e ciúmes a um duelo, por Fortinbras, o rei de Maiame.

Out of my way.

(V.O) WELLINTON ANDRADE: A primeira vez que eu fui na oficina foi ver Hamlet dele.

(PA) WELLINTON ANDRADE: E ai eu fiquei assim meio que engegerado porque o Zé descontrolou o que a gente entende pôr Teatro convencional, tem ali uma teatralidade, que ele equívoca o projeto que ele dirige e ele conduz, mas não é o teatro convencional. Ele funda o tempo todo a morte do Teatro, ele discute muito isso, ele fala sobre isso inclusive. Eu acho que é a personalidade do Artaud.

(V.O) WELLINTON ANDRADE: O Teatro passa a ser ritual, passa a ser um ritual dionisiaco, um ritual iordiásico, ritual órfico, ele sempre descontrói o teatro, que seria aquele pretensamente, convencional e ele volta o teatro para sua origem, lá na Grécia antiga.

(PA) WELLINTON ANDRADE: Lá na sociedade agrária do ritual e ai ele pega um clássico do Shakespeare que é o Hamlet, a peça das peças, que é o cânone.

(V.O) WELLINTON ANDRADE: E ele justamente funda o Hamlet, quando eu vi tinha 8 horas o espetáculo, durava 8 horas, então você tem que ser submetido a um regime de percepção que é de longa duração, você fica ali o tempo todo. Mas, é encantador você se desconecta do que está acontecendo em cena. E ai você consegue entender porque ele revigora lá...

(PA) WELLINTON ANDRADE: O teatro Shakespeareano 400 anos depois que o Shakespeare compôs o Hamlet. Porque ele trás sempre para a atualização, o teatro do Zé é sempre o teatro do eu, aqui, agora. Nunca é do ele, lá, então;

(PM) JOSÉ VINSK: Foram os adolescentes, os colegiais, que descobriram a peça, ou seja, os Hamleteen. Eram os tens, os adolescentes, que achavam interessante aquele cara com o problema com o pai.

Fotos do espetáculo "Hamlet"

(PM) ZÉ CELSO: Surgiu Marcelo Drummond. O Zé Miguel disse nossa: "É o melhor Hamlet que já houve", o Arrigo Barnabé "Não, você é o próprio Hamlet. Mais a crítica vai vim de pau porquê... "Hamlet". E ele fez o Hamlet Solar, o Hamlet moleque que cheirava uma carreira de cocaína daqui até lá. Uma plasticidade Mike Jagger, era maravilhoso. E ele, eu passo, eu faço o Hamlet velho. Eu fazia o Hamlet velho, por isso eu quis dizer "Eu passo o bastão para o meu filho Hamlet." E essa cena tem muito significado, porque o Marcelo Drummond pegou o bastão e ele foi o protagonista de tudo que se fez nesse teatro.

Imagens do espetáculo Hamlet, Teatro Oficina, 2009.
Adeus, adeus, lembre-se de mim.

(PM) MARCELO DRUMMOND: O susto do público era tão grande, em relação ao que estava aquela coisa nunca vista, que não via, não se sabia como era uma peça de Zé Celso.

Fotos de arquivo

(V.O) MARCELO DRUMMOND: Não se imagina um teatro daquela forma, não se imagina atuações naquele momento, atuações tão ligadas com o público, o momento no início dos anos 90 daquele teatro que era uma vitrine.

(PM) MARCELO DRUMMOND: estava ligado diferente, entrava cantando, entrava um monte de gente em cena. E era exuberante, aquilo era de uma exuberância, isso que era uma coisa inesquecível.

(PM) MARCELO DRUMMOND: Eu conheci Hamlet, ele teve um impacto assim por Gerald Thomaz, que aquela altura tinha uma influência muito grande considerou aquela encenação uma das melhores já feitas, e o Caetano Veloso também escreveu sobre e aquilo se tornou um acontecimento que fez com que o Teatro ganhasse as atenções, ou reconquistassem as atenções.

(PM) ZÉ CELSO: Tanto que a peça se chamava Ham Let, Ham canastrão, Let solta, solta o canastrão. Solta o ator.

Imagens do espetáculo "Pra dar um fim no juízo de Deus - Teatro Oficina, 2015"

(PM) JOSÉ VINSK: Agora recentemente um muito curto que é Pra dar um fim no juízo de Deus.

(V.O) JOSÉ VINSK: Que é uma coisa maravilhosa, incrível que tem um monólogo do Zé.

(V.O) RENATO BORCHI: Esse último espetáculo agora, eu acho que talvez umas maiores ousadias do Zé Celso, que é "Pra pôr um fim no juízo de Deus". Que é um espetáculo que olha...

(PM) RENATO BORCHI: Eu já vi muita coisa, mas eu já fiquei chocado!

Cenas do espetáculo "Pra dar um fim no juízo de Deus - Teatro Oficina, 2015"

(V.O) RENATO BORCHI: Porque essa coisa de tirar o sangue, essa evacuação na frente da platéia, a coleta de esperma ao vivo.

(PM) RENATO BORCHI: E "Uma loucura" foitambém outro texto que demole todos os preconceitos, medianos, pequenos burguese e classe média, conservadores, ele bota tudo abaixo, fala as excência do ser humano, e na verdade a linguagem do espetáculo é muito forte e eu não tinha visto nada parecido.

Cenas do espetáculo "Pra dar um fim no juízo de Deus - Teatro Oficina, 2015! "

(ON) ZÉ CELSO: O homem, o homem deve passar uma vez mais. O homem, Eu encontrei o jeito de acabar uma vez por todas com esse macaco. Por que se ninguém acredita mais em deus, todos acreditam cada vez mais no homem. Pois é o homem que tem que se decidir agora a se emascular. Se capar! É o homem que tem que passar ainda uma vez mais pela mesa, a última, pela mesa de autópsia. Pra refazer sua anatomia, o homem está doente, porque é mau construído. É preciso tomar a decisão de botar o homem a nu. Eunão vou ficar nu agora porque tá frio e eu estou atrasado, mas pode deixar isso no texto. Pra lhe raspar, esse "animalculo" que coça mortalmente, esse animalculo.

Cenas do espetáculo "Pra sar um fim no juízo de Deus - Teatro Oficina, 2015"

ZÉ CELSO: Deus! E com ele, todos os seus órgãos. Ah, se vocês quiserem pode me amarrar, mas, não há nada mais inútil do que um órgão.

(PM) JOSÉ VINSK: O Zé Celso por um lado ele é muito mais próximo, gentil, natural do que você imagina. Mais é muito mais louco do que você conseguiria imaginar.

(PM) MARCELO DRUMMOND: Em casa a única coisa que ele fala, ele chega em casa e sempre fala que tá cansado e ele chega. Ele sai de casa exausto e chega no teatro a mil. Ai sai do teatro a mil e chega em casa e fala "Tô cansado." Mais eu acho que é isso mesmo, ele coloca toda a energia dele no teatro.

(PM) WELLINTON ANDRADE: Eu acho o Zé Celso o maior artista brasileiro vivo, eu não tenho dúvida. Eu acho que o Teatro que ele faz, é o teatro, e toda a história do teatro brasileiro é dos 400 anos, quase 500 que nós temos história do teatro brasileiro. O teatro mais importante, mais frutificador, menos formalizado, o teatro mais instável, ele sempre vai se acomodando para aquilo que os tempos contemporâneos exigem dele.

(PM) RODERICK HIMEROS: Agora a gente está em plena criação do que será o quarto Teatro Oficina. Por que o teatro da Lina é o terceiro, o quarto agora é essa expansão pelo bixiga, essa expansão trazendo o teatro na perspectiva urbana.

Fotos de arquivo

(V.O) RODERICK HIMEROS: Então, esse teatro que se projeta para o futuro, também faz o eterno retorno para o passado. E a gente vai de encontro...

(PM) RODERICK HIMEROS: As culturas mais arcaicas do teatro. Agora como um bárbaro eternizado, então o Zé, ele ainda tem muita carne para devorar. Pra se deixar devorado.

Imagens de arquivo

(V.O) ZÉ CELSO: E ele fez esse personagem também, "Pra dar um fim no juízo de Deus" é um menino que bate punheta.

(PM) ZÉ CELSO: É o menino que depois come o rato, ele da porra nisso, ele come o rato, esse menino está em muitas peças minhas, ele retorna, vestido exatamente assim. Eu fazia isso porque achava bonito, fazia pose. Ia na missa, fazia pose e eu nunca consegui engoli nada da igreja católica apostólica romana e nem de nenhuma igreja, nem da igreja do teatro eu quis o terreno. Essa foto é muito forte para mim.

Cenas do espetáculo "Pra dar um fim no juízo de Deus - Teatro Oficina, 2015."

(PM) ZÉ CELSO: A Felícia é muito generosa porque ela te dar uma experiência, coisas que você fez no passado, você rever tudo e você consegue reeditar sua vida e reeditar sua percepção e sua relação com os outros. Eu tenho a sorte, de assim, viver nesse lugar de ter a companhia que nós temos e a gente tá muito livre agora é uma coisa que transcende porque para você fazer arte, você tem que ter um time de jogadores, que jogam esse jogo, entendeu? Então de acordo com esse jogo, com as diferenças todas de cada um, quanto mais diferença melhor. Mais esse companhia ela vai se renovar muito. Então foi o seguinte, eu vi várias gerações, pluguei e fui plugado. Eu não estaria aqui falando se não tivesse recebido de muitas gerações o que eu suguei e que fui sugado, é muito. Antropofagia. Só antropofagia nos une.

Sobe crédito